

EDUCAÇÃO SEXUAL NO PRÉ-ESCOLAR: CONHECIMENTO, ATITUDES, CRENÇAS E CONFORTO DE EDUCADORAS/ES

Vânia Beliz

Doutoranda, CIEC – Instituto de Educação, Universidade do Minho
Braga, Portugal
belizsexologia@gmail.com

Zélia Caçador Anastácio

CIEC – Instituto de Educação, Universidade do Minho
Braga, Portugal
zeliáf@ie.uminho.pt

Recepción Artículo: 22abril 2022
Admisión Evaluación: 22 abril 2022
Informe Evaluador 1: 24 abril 2022
Informe Evaluador 2: 26 abril 2022
Aprobación Publicación: 27 abril 2022

RESUMO

A literatura aponta as dificuldades de educadores infância como os principais desafios a abordagens de educação para a sexualidade a partir da idade pré-escolar. Para avaliar o conhecimento, as atitudes e crenças, bem como o nível de conforto de educadoras/es de infância em relação ao desenvolvimento sexual e à aprendizagem das crianças utilizámos o Questionário de Educação Sexual para Educadoras(es) de Infância (QSEI), o qual foi por nós traduzido e validado para a população portuguesa. O questionário foi disponibilizado online, tendo sido preenchido por uma amostra do tipo bola de neve, constituída por 414 profissionais, com média de 20,64 anos de serviço. A análise dos dados obtidos foi feita através do programa SPSS. Em relação à formação em educação sexual, que consideraram ser essencial, apenas 29% referiram ter participado em ações de curta duração e apenas 6% referiram ter realizado ações com 25 horas. Quanto ao conhecimento acerca do desenvolvimento e da aprendizagem sexual das crianças, o valor médio foi de $M=10,23$ para um máximo de 21 (maior conhecimento). Em relação às atitudes e crenças sobre a aprendizagem sexual de crianças, o resultado foi de 110 pontos para um máximo de 140 (atitudes mais positivas). Para a variável conforto para lidar com o desenvolvimento das crianças em matéria de sexualidade, numa escala de 10 a 40 (em que 40 indica menor nível de conforto), a média das respostas foi de 17,7. Os resultados levam-nos a concluir que o conhecimento é a variável que apresenta maior fragilidade para estes profissionais de educação. Apesar de termos observado resultados positivos relativamente às variáveis atitudes e crenças e conforto, os mesmos apontam para a importância da formação, a qual se prevê que possa proporcionar melhorias e desenvolvimento profissional nestes três domínios.

Palavras chave: educação sexual; pré-escolar; educadoras/es de infância

ABSTRACT

Sexual education in pre-school: attitudes, beliefs and comfort kindergarten/preschool teachers. The literature points to the difficulties of early childhood educators as the main challenge to approach sexuality education from pre-school age. In order to assess the knowledge, attitudes, and beliefs, as well as the comfort level of kindergarten teachers regarding children's sexual development and learning, we used the Questionnaire of Sexual Education for Childhood Educators (QSEI), which we translated and validated for the Portuguese population. The questionnaire was made available online and was filled in by a snowball sample, consisting of 414 professionals, with an average of 20.64 years of service. The data obtained were analyzed using the SPSS software. Regarding the training in sexual education, which they consider to be essential, only 29% reported having participated in short-term actions and only 6% reported having attended actions of 25 hours. With regard to *knowledge* about the development and sexual learning of children, the average value was $M=10.23$ for a maximum of 21 (higher knowledge). Regarding attitudes *and beliefs* about children's sexual learning, the result was 110 points for a maximum of 140 (more positive attitudes). For the variable *comfort* in dealing with children's development regarding sexuality, on a scale of 10 to 40 (in which 40 indicates lower level of comfort), the average of the answers was 17.7.

The results lead us to conclude that knowledge is the variable that presents the greatest weakness for these education professionals. Although we observed positive results regarding the variables attitudes and beliefs and comfort, results point to the importance of training, which is expected to provide improvements and professional development in these three areas.

Keywords: sex education; preschool; kindergarten teachers

INTRODUÇÃO

A nossa aprendizagem da sexualidade faz-se desde o nascimento até à morte. Somos seres sexuados e por isso, à semelhança de outros comportamentos, também os de natureza sexual são aprendidos de forma contínua através de estímulos que nos chegam em virtude de inúmeras experiências durante a nossa vida.

De acordo com os *Standards for Sexuality Education in Europe* (WHO, 2010) também citado pelo *European Expert Group on Sexuality Education* (2016), a educação sexual deverá ter início na infância, continuando pela adolescência e prolongando-se até à fase adulta, promovendo o desenvolvimento sexual, proporcionando às crianças informação, estratégias e valores que permitam a compreensão e usufruto da sua sexualidade de forma segura responsável.

A maior parte dos estudos refere que a educação sexual formal deverá começar desde cedo, ainda na etapa pré-escolar, ou seja entre os 3 e os 6 anos de idade (Brilleslijper-Kater; Baartman, 2000), uma vez que nesta altura as crianças apresentam comportamentos exploratórios do corpo potenciados pela curiosidade normal desta fase do desenvolvimento da infância. Vários autores descreveram comportamentos considerando-os naturalmente característicos da curiosidade infantil, nomeadamente tocar nos próprios genitais, estimular-se, ter curiosidade pelo seu corpo e pelo dos seus pares e dos adultos, tocar os seios da mãe, brincar aos médicos aos pais e às mães, imitar comportamentos adultos, assim como colocar questões sobre sexualidade, mostrar curiosidade pela nudez, pela sua origem e pelo nascimento são exemplos dos comportamentos mais referenciados (Brilleslijper-Kater, Baartman, 2000; Cacciatore, Korteniemi-Poikela & Kaltiala, 2019b; Rapošová, 2016; Volbert, 2000; Balter, Van Rhijn & Davies, 2016). A maior parte das/os educadoras/es opta por não valorizar este tipo de comportamentos das crianças procurando outro tipo de apoio sempre que os consideram desadequados.

Um estudo sobre as reações dos educadores aos comportamentos sexuais das crianças, refere que a maior parte prefere ignorar, distrair, participar nos jogos, avisar ou referenciar as crianças, para serviços de aconselhamento (Ünlüer, 2018).

Parece ser difícil aceitar que as crianças são seres sexuados. Esse facto condiciona a forma como os profissionais lidam, também, com o comportamento exploratório das crianças. Para a maior parte parece ainda ser imprudente a abordagem destes temas com crianças em idade pré-escolar. Goldman (2008) referenciou um con-

junto de objeções que têm perdurado nas últimas décadas e que constituem um obstáculo à educação sexual na infância.

Um estudo realizado com futuros educadores/as de infância, na Grécia, refere que estes reconhecem a importância e as vantagens da educação sexual, principalmente quando esses conteúdos fazem parte da sua formação. Os participantes, neste estudo, apontaram como principal fragilidade o facto de a educação sexual não integrar a sua formação referindo que esta ausência pode precipitar o desconhecimento e ser, por isso, uma das causas que os limita na abordagem da temática da sexualidade com as crianças (Brouskeli; Sapountzis, 2017).

As/os educadoras/es têm uma função importante, porque desempenham um papel essencial relativamente à educação sexual, pelas trocas afetivas que estabelecem com as crianças, pela sua proximidade no quotidiano e por serem modelos de comportamento para as crianças têm um papel importante na abordagem destes temas (Scholes et al, 2012, Depauli, Plaute, 2018), por isso importa conhecer as suas concepções.

OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O principal objetivo desta investigação consistiu em avaliar o conhecimento, as atitudes e crenças e o nível de conforto das/os educadoras/es de infância sobre o desenvolvimento e a aprendizagem sexual das crianças em idade pré-escolar.

AMOSTRA E PARTICIPANTES

A amostra deste estudo foi do tipo *snowball*, uma vez que se foi solicitando a várias pessoas que fossem passando o instrumento de recolha de dados (Cohen, Manion & Morrison, 2017). Participaram 414 educadoras/es de infância, sendo 98% do sexo feminino, com uma média de idade de 45 anos.

METODOLOGIA E INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

O estudo que aqui se apresenta foi transversal, quantitativo e de natureza descritiva, tendo sido divulgado através de redes sociais e em grupos privados de profissionais de educação de infância. A recolha de dados decorreu de 04 de abril a 22 de maio de 2020.

Para o diagnóstico do conhecimento, das atitudes, das crenças e do grau de conforto das/os educadoras/es de infância em relação ao desenvolvimento e aprendizagem sexual das crianças utilizou-se a técnica de inquérito por questionário.

O questionário que usamos para esta investigação, que denominamos por Questionário de Educação Sexual para Educadoras/es de Infância (QESEI), resultou da tradução do original *The Questionnaire on Young Children's Sexual Learning*, da autoria de Koch e Brick (1996) publicado por Fisher, Davis, Yarber e Davis (2010), no *Handbook of Sexuality – Related Measures*. Após a tradução, foi feita a retroversão e sujeito a apreciação por peritos em educação de infância, ao que se seguiu um estudo piloto para concluir a sua validação (Anastácio & Beliz, 2019).

O questionário é composto por três escalas que visam responder aos nossos objetivos:

- A primeira escala avalia o *conhecimento* de educadoras/es de infância sobre o desenvolvimento e a aprendizagem sexual das crianças. É composta por 21 afirmações, avaliadas através de uma escala de *likert* de 5 pontos, em que 1 corresponde a “definitivamente verdadeira”; 2 a “possivelmente verdadeira”; 3 a “possivelmente falsa”; 4 a “definitivamente falsa” e 5 a “não sei”. As respostas foram avaliadas atribuindo-se um ponto a cada afirmação correta: Itens 1, 2, 3, 6, 8, 13, 16, 18 “definitivamente verdadeira”, e 4,5, 7, 9,10, 11, 12, 14, 15, 17, 19, 20 e 21 “definitivamente falsas”, a todos os outros itens foi atribuída a cotação de 0. A escala tem a cotação máxima de 21, indicador de maior conhecimento.

- A segunda escala avalia as *atitudes e crenças* de educadoras/es de infância acerca da aprendizagem sexual de crianças. É constituída por 28 afirmações avaliadas por uma escala de *likert* de 5 pontos em que 1 corresponde a “concordo fortemente”; 2 a “concordo”; 3 a “não sei”; 4 a “discordo” e 5 a “discordo fortemente”.

EDUCAÇÃO SEXUAL NO PRÉ-ESCOLAR: CONHECIMENTO, ATITUDES, CRENÇAS E CONFORTO DE EDUCADORAS/ES

- A terceira escala avalia o grau de *conforto* de educadoras/es de infância em 10 tópicos relativos ao desenvolvimento sexual das crianças, através da resposta a uma escala de *likert* de 4 pontos, em que 1 corresponde a “muito confortável”; 2 a “algo confortável”; 3 a “algo desconfortável” e 4 a “muito desconfortável”. Foram incluídas algumas variáveis sociodemográficas para melhor caracterização da amostra.

Sendo o instrumento de natureza quantitativa, os dados foram tratados com recurso ao programa informático SPSS (versão 25.0), procedendo-se à sua análise estatística descritiva e de consistência interna através do teste Alpha de Cronbach.

RESULTADOS

A maior parte das participantes no estudo era casada (56,8%) e tinha filhos (71,5%). Em relação à religião e prática religiosa, 78,5% assumiam-se de religião católica e, destas, 37% referiram ser pouco praticantes.

Em relação à área de residência, a amostra, era constituída por educadoras/es de infância de 18 distritos de Portugal Continental. Em relação às habilitações e experiência profissional, 28% das/os participantes era mestre, 32, 9% era licenciada/o com uma média de 20 anos de serviço (20,6%).

Em relação à formação em educação sexual, apenas 16,2% da amostra referiu ter participado em ações de formação com mais de 25 horas, com 29% das/os profissionais a referir já ter participado em ações, mas de curta duração.

Conhecimento, das/os educadoras/es de infância sobre o desenvolvimento e a aprendizagem sexual das crianças

O valor médio das respostas a esta escala foi de 10,23 para um valor máximo de 21, indicador de maior conhecimento.

Este resultado aponta para um nível médio do conhecimento, dos/das educadores sobre o desenvolvimento e aprendizagem sexual das crianças.

Analisado o *Alpha de Cronbach* para este conjunto de itens registou um valor de $= 0,78$.

Das 21 afirmações da escala destaca-se o desconhecimento dos profissionais em relação a algumas manifestações fisiológicas, como são exemplo a lubrificação vaginal e a ereção do clitóris e do pénis das crianças, com 46,8% dos participantes a considerar “*definitivamente falsa*” esta afirmação. A resposta fisiológica da genitália das meninas é desconhecida para 37,4% das/os participantes, que respondem “*Não sei*”,

Em relação aos comportamentos das crianças, 53,4 % das/os educadoras/es da amostra reconheceram como “saudáveis e naturais” as brincadeiras “sexuais” entre as crianças e colegas da mesma idade.

Relativamente à curiosidade sobre o corpo, 57,2% responderam que as crianças são curiosas em relação às diferenças do corpo. Em relação à masturbação, apenas 39,6% considerou que “*As crianças podem ser ensinadas que é certo masturbarem-se em privado, mas não em público*” e 11% das/os profissionais referiu, não saber.

Quando questionadas/os sobre como lidar perante alguns comportamentos apresentados pelas crianças, 72,9%, dos/das participantes considerou que não se devem ignorar.

Em relação ao efeito das respostas dos adultos sobre a perceção das crianças acerca do sexo, 47,8% consideraram que as respostas dos adultos, influenciam a forma como as crianças aprendem sobre o sexo.

Ainda em relação à aprendizagem das crianças, 66,2% das/os educadoras/es considerou que a aprendizagem sexual das crianças pode afetar a forma como virão a lidar com a sexualidade enquanto adultas.

Atitudes e crenças das/os educadoras/es de infância sobre o desenvolvimento e a aprendizagem sexual das crianças

Em relação às atitudes e crenças sobre o desenvolvimento e aprendizagem sexual de crianças, as/os educadoras/es, apresentaram um resultado de 110 para um máximo de 140 (atitudes mais positivas), o que se considera um resultado positivo, ainda que algumas respostas demonstrem que existem crenças que persistem em pelo menos 10% das/os participantes. Analisado o *Alpha de Cronbach* para estes itens encontrou-se um valor de $=0,83$.

Das respostas às 28 afirmações que compõem a escala destacam-se os seguintes resultados:

Muitos participantes concordaram que as crianças da educação pré-escolar podem ser protegidas de mensagens sexuais na nossa sociedade. Perante a afirmação *“As crianças da educação pré-escolar podem ser protegidas de mensagens sexuais na nossa sociedade.”* 40,3% *“concorda”*, 20,3% *“concorda fortemente”*, 25% *“discorda”* e 11,8% respondeu *“não sei”*.

Em relação à abordagem dos temas da educação sexual, quando questionados em relação à influência da biologia nos comportamentos e atitudes sexuais com a afirmação *“A Biologia é a principal influência sobre os comportamentos e as atitudes sexuais de uma pessoa”*, 54,3% assinalou *“discordo”*, 11% *“discordo fortemente”* e 15,7% respondeu não saber. Alguns participantes (18,8%) ainda demonstram dúvidas em relação à abordagem da temática da sexualidade com as crianças da educação pré-escolar, referindo *“não sei”* perante a afirmação *“Falar com crianças pequenas sobre sexualidade encoraja-as a experimentar.”*

Em relação a algumas afirmações sobre determinadas atitudes em relação ao comportamento sexual das crianças, parece existir algum desconhecimento, pois 30,4% das/os educadoras/es responderam *“não sei”* quando questionados sobre as sensações provocadas pelos órgãos genitais, nomeadamente *“É bom para as crianças da educação pré-escolar perceberem que se sentem bem com os seus órgãos genitais quando os tocam”*; e 14,7% e 10,6% respondem *“não sei”* e *“discordo”*, respetivamente, em relação ao toque expresso na afirmação *“É correto permitir que as crianças toquem nos seus órgãos genitais quando as suas fraldas ou cuecas estão a ser mudadas”*. Ainda sobre os órgãos genitais, 13,5% de participantes concordou que *“As crianças recebem mensagens positivas sobre sexualidade quando os adultos usam nomes giros para os órgãos genitais.”*, e 13,5% *“concorda”* que *“A maioria das crianças da educação pré-escolar é muito nova para ser capaz de utilizar os nomes corretos para os seus órgãos genitais (como “pénis”, “escroto”, “vulva” ou “clítoris”).”*

Em relação à abordagem da sexualidade com as crianças da educação pré-escolar, 11,1% respondeu *“concorda”* e 12,3% respondeu *“não sei”* à afirmação *“Os programas de educação pré-escolar deveriam abordar apenas informação sexual; a abordagem de atitudes e valores sexuais deve ser deixada para os pais”*, havendo 66,9% a concordar que *“É bom para as crianças serem curiosas acerca de temas sexuais”*.

Sobre a influência dos estereótipos e linguagem nos comportamentos sexuais das crianças, 19,6% e 22,7% das/os participantes discordou ou respondeu não saber se os *estereótipos de papéis de género tradicionais desencorajam comportamentos sexuais responsáveis para ambos os géneros*; enquanto 16,7% discordou e 15% referiu não saber se é importante a utilização da linguagem não sexista.

Conforto das/os educadoras/es de infância sobre a aprendizagem sexual das crianças

Em relação à aprendizagem sexual das crianças, avaliada por 10 tópicos, numa escala de 10 a 40 (em que 40 indica menor nível de conforto) a média de respostas foi 17,7, o que sugere que as /os educadoras/es da amostra se sentem confortáveis na interação com as crianças em relação aos tópicos sexuais questionados. O *Alpha de Cronbach* para este conjunto de itens registou um valor de =0,75.

Destacam-se, de seguida, as afirmações que demonstram situações avaliadas, pelos profissionais, com causadoras de maior desconforto.

A estimulação das crianças, ou masturbação, é o tópico avaliado como mais desconfortável, em que 30% das/os educadores/as assinalaram que este tema lhes é *“algo desconfortável”*. Em relação à nudez registou-se 11,1% a referir ser *“algo desconfortável”*.

Questionados sobre a curiosidade das crianças acerca da conceção dos bebés, observou-se uma diferença com os profissionais a manifestar mais desconforto em abordar como entra o bebé na barriga da mãe, do que como sai, com a seguinte diferença em relação às duas afirmações: entrar=11,1% e sair=5,1%.

Em relação aos tópicos que oferecem mais conforto, as/os educadoras/es afirmam ser-lhes *“muito confortável”* nomear as partes do corpo (60%), as diferenças corporais masculinas e femininas (78%) e os papéis e comportamentos femininos e masculinos (70%).

DISCUSSÃO

Os resultados revelam uma necessidade de a educação sexual integrar a formação dos profissionais de educação de infância. Apenas 29% das/os participantes referiu ter participado em ações de curta duração e apenas 6% referiu ter realizado ações com pelo menos 25 horas. Estes dados vão ao encontro da maior parte dos estudos que referem este pouco investimento na formação como um obstáculo ao trabalho em educação sexual junto das crianças em idade pré-escolar (Ünlüer, 2018).

Quando questionados sobre o *conhecimento* acerca do desenvolvimento e a aprendizagem sexual das crianças, a média de respostas foi de $M=10,23$ para um valor máximo de 21 (maior conhecimento). A mesma escala num estudo realizado por Brick e Koch (1996), junto de 183 participantes, obteve uma pontuação de 10, ou que é indicador de parcas mudanças no conhecimento dos educadores/as de infância sobre o desenvolvimento e aprendizagem sexual das crianças em idade pré-escolar.

Dos resultados obtidos foi possível verificar um maior desconhecimento em relação às manifestações fisiológicas dos genitais das crianças, como são exemplos a lubrificação vaginal e ereção do clítoris das meninas, bem como a ereção do pénis dos meninos. Vários autores referem esta resposta como algo reflexivo e fisiológico (Martinson, 1976; Langfeld, 1981, *cit in* Sahin, 2014; Masters, Johnson & Kolodny, 1995). Para estes autores, a forma como se lida com este comportamento pode trazer consequências para o desenvolvimento das crianças. Neste estudo 46,8% de educadoras/es de infância consideraram falsa a afirmação referente à existência destas respostas sexuais. No entanto, 48,6% assume que a masturbação/estimulação dos genitais é frequente nas crianças, apesar de 15% considerar possivelmente verdadeira a afirmação de que antes dos 3 anos de idade as crianças não se estimulam. Estes dados talvez justifiquem que para 30% dos profissionais a masturbação seja “*algo desconfortável*” e 14,7% não saiba se deve permitir assim que as crianças toquem ou não os seus órgãos genitais, por exemplo quando estão a ser mudadas.

A maior parte das/os educadoras/es de infância desta amostra (57,2%) assume que as crianças são curiosas em relação às diferenças corporais e 72,9% discorda que ignorar os comportamentos seja o mais adequado. Este dado contraria alguns estudos que reportam essa realidade (Ünlüer, 2018).

É importante e positivo que a maior parte dos participantes no estudo (66,2%) concorde que a forma como as crianças aprendem sobre sexualidade pode influenciar a forma como virão a lidar com ela no futuro, assim como que as respostas dos adultos podem influenciar a opinião das crianças sobre o sexo.

As/os educadoras/es desta amostra apresentam atitudes e crenças positivas sobre a aprendizagem sexual de crianças, apresentando um resultado de 110 para um máximo de 140 (atitudes mais positivas). 40,3% acredita que é possível proteger as crianças de mensagens sexuais na nossa sociedade. Este dado é muito importante e precisa de uma análise aprofundada. Sendo avaliado como positivo na escala original, este dado pode ser revelador de uma confiança que pode colocar em causa a prevenção. A maior parte dos projetos de prevenção da violência sexual contra as crianças, sensibilizam para o esclarecimento e importância da nomeação correta das partes íntimas, para a autonomia e consentimento corporal, mas referem ainda os riscos presentes na comunidade (Brilleslijper-Kater & Baartman, 2000; Volbert, 2000). Numa sociedade altamente erotizada, a crença de que as crianças podem ser protegidas, pode de certa forma minimizar o envolvimento para a proteção.

A crença de que a biologia é a principal influência para os comportamentos e as atitudes sexuais de uma pessoa também ainda está presente em 15,7% das/os educadoras/es e 18,8% refere não saber se abordar estes temas pode precipitar ou despertar comportamentos sexuais precoces. Este último dado vai ao encontro dos argumentos apresentados por Goldman (2008), que nomeou as principais barreiras à implementação da educação sexual com as crianças da educação pré-escolar.

Sobre o corpo, em especial sobre os genitais, 13,5% das/os educadoras/es de infância concordam que as crianças podem receber mensagens positivas sobre o seu corpo quando os adultos usam nomes giros para os genitais e 13,5% concordam que as crianças da educação pré-escolar são muito novas para usar os termos corretos.

Da mesma forma parece persistir a ideia de que os programas de educação sexual deveriam abordar apenas a informação de cariz sexual, ficando as atitudes e valores para as famílias. Este facto pode ser um obstáculo importante pela desvalorização que faz dos temas a abordar, confinando a educação sexual nesta faixa etária às questões puramente biológicas, o que contradiz o principal guia internacional da UNESCO (2019) e as orientações nacionais para a educação de género e cidadania (DGE, 2017)).

Outro dado igualmente importante diz respeito às crenças existentes quanto à influência dos estereótipos na infância. Quando questionados sobre a sua influência, nos comportamentos sexuais das crianças, 19,6% e 22,7% dos profissionais referem “discordo” e “não sei”, respetivamente, em relação à afirmação de que os estereótipos e papéis de género, tradicionais, desencorajam comportamentos sexuais responsáveis para ambos os géneros, da mesma forma que parte dos participantes também parece não reconhecer a importância da utilização da linguagem não sexista. Estes resultados sugerem a importância destas matérias na formação de educadoras/es de infância, tendo em conta o papel importante na manutenção ou disrupção destes comportamentos (Gansen 2017).

Um dado positivo é o facto de a maior parte dos participantes concordar que é importante a compreensão das suas atitudes, por estas influenciarem o comportamento das crianças. Em relação ao conforto das/os educadoras e educadores de infância, no que toca à sexualidade infantil, o instrumento traduzido, apresenta praticamente o mesmo resultado da escala original, pelo que parece não se registaram, assim, mudanças significativas em relação ao conforto, com a maior parte dos profissionais da educação de infância a revelar desconforto em relação à estimulação genital das crianças.

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos evidenciam a importância da capacitação dos profissionais da educação de infância na área da educação sexual. Os dados recolhidos através deste instrumento, por nós traduzido e validado para população portuguesa, revelaram que não existem muitas mudanças em relação à escala original e à primeira recolha que data de 1996 realizada em Houston por Brick e Koch (1996). Este dado sugere que mudar os comportamentos e paradigmas em relação à educação sexual com as crianças em idade pré-escolar continua a ser um desafio.

Parece ficar evidente a necessidade de a educação para a sexualidade integrar os currículos da formação profissional de educadoras/es de infância de forma a dar-lhes ferramentas para a abordagem dos temas com as crianças. O pressuposto da, aparente, inocência das crianças e as crenças de que explorar os temas da sexualidade pode precipitar comportamentos precoces, continua a ser um obstáculo a ultrapassar. Da mesma forma parece evidente que a abordagem continua a refugiar-se nas questões biológicas, pelo receio da opinião das famílias em relação aos temas que se relacionam com valores e moral.

Será importante sensibilizar as/os profissionais da educação de infância para a ideia de que a educação sexual das crianças é um direito salvaguardado pelas orientações internacionais na área da educação para a saúde (WHO, 2010), pelo que contornar esta realidade em nada contribuirá para o bem-estar e felicidade das crianças.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anastácio, Z. & Beliz, V. (2019). *Conceptions of Kindergarten Teachers on Child Development and Learning in the field of Sexuality: pilot study for validation of instrument*. (Resumo). In Salusex (Ed.) Libro de Abstracts del I Congreso Internacional de Sexualidad: Expresando la Diversidad, Valencia, España: SALUSEX, p. 123 (ISSN 2659-9708) (eBook)
- Balter, A. S., van Rhijn, T., & Davies, A. (2016). *The development of sexuality in childhood in early learning settings: An exploration of early childhood educators' perceptions*. The Canadian Journal of Human Sexuality, 25(1), 30-40. doi: 10.3138/cjhs.251-A3

- Brick, P., & Koch, P. B. (1996). *Healthy foundations: an early childhood educators' sexuality program and its effectiveness*. In *The Annual Meeting of the Society for the Scientific Study of Sexuality*.
- Brilleslijper-Kater S., N. & Baartman H.E., M., (2000). *What do Young Children Know About Sex? Research on the Sexual Knowledge of Children Between the Ages of 2 and 6 Years*. *Child Abuse Review* Vol. 9: 166–182
- Brouskeli, V.; Sapountzis, A. (2017). *Early childhood sexuality education: Future educators' attitudes and considerations*. *Research in Education*.
- Cacciatore, R., Korteniemi-Poikela, E., & Kaltiala, R. (2019). The steps of sexuality—a developmental, emotion-focused, child-centered model of sexual development and sexuality education from birth to adulthood. *International Journal of Sexual Health*, 31(3), 319-338.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2017). Action research. In *Research methods in education* (pp. 440-456). Routledge.
- Depauli, C., & Plaute, W. (2018). Parents' and teachers' attitudes, objections and expectations towards sexuality education in primary schools in Austria. *Sex Education*, 18(5), 511-526.
- Direção Geral da Educação (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Recolhido do URL: <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-deeducacaoparacidadania?fbclid=IwAR2C42HWrfxJmBTH8D5GuoaSPcQTM15SPfzAek6xZt8QdkzBsuGY005-QA>.
- European Expert Group on Sexuality Education. (2016). Sexuality education—what is it? *Sex Education*, 16(4), 427-431.
- Fisher, T. D., Davis, C. M., Yarber, W. L., & Davis, S. L. (2010). *Handbook of Sexuality-Related Measures*. New York: Routledge.
- Gansen, H. M. (2017). *Reproducing (and disrupting) heteronormativity: Gendered sexual socialization in preschool classrooms*. *Sociology of Education*, 90(3), 255-272.
- Goldman, J. (2008). *Responding to parental objections to school sexuality education: a selection of 12 objections*. *Sex Education* Vol. 8, No. 4, p.415–438
- Martinson, F. (1976). *Eroticism in infancy and childhood*. *Journal of Sex Research*, 12(4), 251-262.
- Masters, W., Johnson, V., & Kolodny, R. (1995). *Human sexuality*. New York: HarperCollins College Publishers.1995
- Rapošová, P. (2016). *Manifestations of Sexuality of Children in the Environment of a Kindergarten*. *Kultura-Spolecze stwo-Edukacja*, (2), 59-68
- ahin, G. N. (2014). *Developing and testing the effectiveness of the teacher training program on child sexual development* (Master's thesis, Middle East Technical University)
- Scholes, L. J., Jones, C., Stieler-Hunt, C., Rolfe, B., & Pozzebon, K. (2012). The teachers' role in child sexual abuse prevention programs: Implications for teacher education. *Australian Journal of Teacher Education*, 37(11), 104– 131. <https://doi.org/10.14221/ajte.2012v37n11.5>.
- Ünlüer, E. (2018). *Examination of Preschool Teachers' Views on Sexuality Education*. *Universal Journal of Educational Research*, 6(12), 2815-2821.
- Volbert, R. (2000). *Sexual knowledge of preschool children*. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(1-2), 5-26.
- WHO Regional Office for Europe; BZgA (2010) *Standards for sexuality education in Europe. A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists*. Federal Centre for Health Education. Cologne